

Um Dia Com Os Índios Kanelas

Texto e fotos de Manuel Mendes

Seminus, com suas orelhas juradas (homens) e os cabelos cortados de maneira característica, pernas, braços e rostos pintados de preto e vermelho e um pequeno diadema, tecido em palha, sobre a cabeça, fomos encontrar assim os índios Kanelas, no aldeamento da Sardinha, a 26 quilômetros da cidade de Barra do Corda. Era dia de festa na tribo, pois, todos foram avisados de que o representante do "pai branco" ia visitar os índios, com outros "cristãos" e com presentes. Era a primeira visita do Major Aviação Luiz Vinhas Neves, novo Diretor do Serviço de Proteção aos Índios, à região dos Kanelas e Guajajaras, no interior maranhense. Era um domingo, de sol quente, no dia 3 de novembro em curso.

FESTA

O largo pátio da aldeia, cercado por umas cinquenta choupanas de palha, típicas dos índios Kanelas, estava enfeitado com toda a população do aldeamento ali postada, para os diversos números de danças e provas esportivas que os índios iriam promover, numa homenagem a nós, cristãos (como nos chamam) que fomos visitá-los.

As mulheres, de dorso nu, bronzeadas e bonitas, em sua maioria, com seus cabelos cortados de maneira típica e que lembra um penteado moderno, abriram o espetáculo com a exibição da dança "mekli kati", só para mulheres. Cantaram depois o "ini kreni", juntamente com os homens da tribo. Depois, os índios se empenharam a fundo em diversas provas de corrida, destacando-se entre elas

o "koro kuklé", uma espécie de revezamento em que o bastão é representado por um pesado pedaço de madeira. Depois tomaram parte noutra corrida de revezamento, conhecida como "mená procotomi" em que o bastão é uma flecha, com penas coloridas. Os índios corriam em círculo, contornando o largo pátio interno do aldeamento, enquanto as mulheres e crianças acompanhavam o espetáculo com curiosidade e animação.

BATISMO

Cessadas as diversas provas e números de danças e cantos, os Kanelas, sob a direção do seu sacerdote, se assim podemos dizer, numa deferência especial para com o Chefe do SPI e sua comitiva, procedeu a cerimônia do batismo do Major Vinhas Neves e de cada um a um, de cada branco que acompanhava o major. A cerimônia dura uns dois minutos. O que vai ser batizado fica de pé, parado, logo atrás do "sacerdote", enquanto os índios fazem um círculo em torno. O "sacerdote" executa uma longa reza, batendo, de quando em quando, com uma lança no chão e repetindo o nome daquele que está sendo batizado. Esse nome é escolhido pelo próprio índio que está dirigindo a cerimônia do batismo. Para mim escolheram o nome de "Parekré" ("pare" significando chefe e "kré", irmão). Ao acabar a cerimônia do batismo, os índios gritam de satisfação e entusiasmo.

CONFERENCIA

Acabadas todas as soleni-

dades festivas, tendo sido batizados todos os componentes da comitiva que acompanhavam o Diretor do SPI, o Major Vinhas, assessorado pelo sr. José Fernando da Cruz, Chefe da 3ª Inspeção, com sede em São Luis, no Maranhão, e Walter Prado, manteve então uma entrevista com os índios, através de um dos seus chefes. A conversa girou em torno da futura mudança dos índios Kanelas para um novo sítio, conhecido como Baixão do Peixe, local de terras férteis e bom para a agricultura. Os

Kanelas não se mostraram felizes com a idéia. Seu desejo é voltar para as suas antigas terras, de onde foram expulsos, no ano passado, pelos fazendeiros locais, após vários ataques em que cinco índios foram mortos. (Próxima reportagem). O Major informou não ser possível isso, no momento. Falou do desejo do "pai branco" (O Presidente da República) de ajudar os índios e fazer com que eles não passassem mais fome nem morressem tantos dos seus filhos pequenos. Durante a entrevista, todos os índios se mantinham interessados e comentavam entre si, usando sua própria língua, o que o Diretor do SPI ia discutindo com o chefe da tribo. Quase todos entendem e falam um português razoável. Tratam sempre por tu e chamam a esposa de "meu muier". Ao fim da entrevista em que o chefe do grupo muitas vezes refulava ou argumentava com o Major Vinhas, o Diretor do SPI foi convidado a ir a uma choupana maior,

onde reside o chefe e aí recebeu vários presentes (coisas, vestidos, arcas, etc.) e entregou outros aos índios.

O Major Vinhas disse estar muito contente por não ter mais encontrado nenhum índio pela cidade e por não ter havido briga entre os Kanelas e Guajajaras, seus inimigos seculares.

MISERIA

Antes de cabana em cabana. Elas são simples abrigos contra o sol. Quatro esteios enterrados no chão, algumas varas cobertas por palhas de buriti, em sua maioria sem paredes ou divisões internas, essa a "casa" dos Kanelas. Quase todos dormem no chão, ao lado do cachorro ou do porquinho que criam. Alguns armam uma espécie de girai, com varas e dormem ali em cima, usando uma simples e rústica esteira tecida com a palha de buriti. Em cada cabana reside toda a família, geralmente constituída do marido, sua mulher, a mãe de um ou de outro, irmãos mais moços e os filhos, numa promiscua aglomeração de sujeira, miséria e abandono. Atrás da choupana, uma panela de barro, em cima de três pedras, ferve um fogo de lenha, onde cozinham carne com água. A comida básica é a mandioca da qual fazem um bolo prensado que guardam, numa panela, de onde vão tirando pedaços para assar e comer.

As mulheres são profleras e procriam desde muito cedo. Mas, a mortandade infantil é assustadora e terrível. Morre-se de verminoses, diarréias e gripes que são as doenças mais comuns entre os índios.

HABITOS

Os Kanelas são extremamente amorosos e carinhosos com seus filhos. Geralmente o homem tem apenas uma mulher, mas, há casos de bigamia, desde que o índio possa sustentar mais de uma esposa e a numerosa prole daí resultante. As mulheres são bonitas. Todos os índios me pareceram pacatos e mausos. Suas mulheres se apresentavam com dorsos nus, naturalmente. Os homens geralmente vão à caça enquanto as mulheres cuidam da roça, ficando ali, porém, um ou dois índios, para vigiarem essas mulheres contra possíveis ataques de índios de outras tribus. As mulheres carregam água do rio Corda, quinhentos metros atrás da aldeia, em cabaças que trazem ao ombro. Usam pequenos colares para beberem água. Banham-se frequentemente, no rio mas, não lavam as toalhas com que enrolam os quadris, como um sarong, dadas pelo SPI. Os homens usam shorts.

Os Kanelas choram e lamentam, em brados, durante três dias, a morte de um elemento qualquer da tribo. Os corpos são enterrados, perto da aldeia e, durante os três primeiros dias após o sepultamento, os familiares levam para o túmulo do índio morto ciumes com comida. A morte das crianças também é profundamente sentida e chorada. Vi poucos velhos na tribo. A maioria dos índios têm os dentes estragados e não são aqueles atletas que a história pinta. Acoçados pela civilização, roubados em suas melhores terras, o índio brasi-

leiro está se extinguindo, dia a dia.

O MESMO ESPETACULO

Quando contemplei os índios com suas imensas orelhas furadas, seus corpos nus, pintados e com algumas penas presas às pernas, dançando em círculo, lembrei que aquele bem poderia ter sido o mesmo espetáculo contemplado, há 461 anos, por Pedro Álvares Cabral. Há 461 anos que só deparam aos poucos índios que ainda restam nesse País que afinal tornamos deles, miséria, doenças, vícios e incompreensão de toda ordem.

De cabana em cabana a cena era a mesma: crianças se arrastando pelo chão, a mãe ou a irmã mais moça deitada nalguma esteira, sobre os girais ou simplesmente no chão também com seus corpos nus. Aqui e acolá uma índia tecia cipós, para fazer cestos para o uso e, eventualmente, como num caso de visita como a que fizemos, para a venda.

Em toda a cabana sempre me ofereciam algo para venda: Um arco, flechas, cestos, adornos, esteiras, etc. Geralmente pedem "mi cruzeiro" e acabam vendendo por duzentos ou trezentos e ficam muito felizes com isso. Mas, numa cabana toca, um índio Kanela, com suas orelhas

Juradas, ofereceu-me um arco por "dois mi cruzeiros." Achei que estava muito caro e o índio me deu a mais surpreendente das respostas quando retrucou, num português horrível: "dinero num vale má nada." E eu ri, de ironia e de pena quando até um Kanela, a milhares de quilômetros e a centenas de anos da civilização, descobriu que o nosso cruzeiro nem para eles tem mais valor! Será que já ouviram falar em Roberto Campos?

CURIOSIDADE

A título de curiosidade, vamos transcrever aqui os primeiros versos do nosso Hino Nacional, que os Guajajaras já aprenderam a cantar, em sua língua:

Uainú Ipiranga imuzanáu
Iure rucó (Ouviram do Ipiranga as margens plácidas)

Tecocieta ipuicaiu ma-
ze-é-pé (De um povo heróico o brado retumbante)

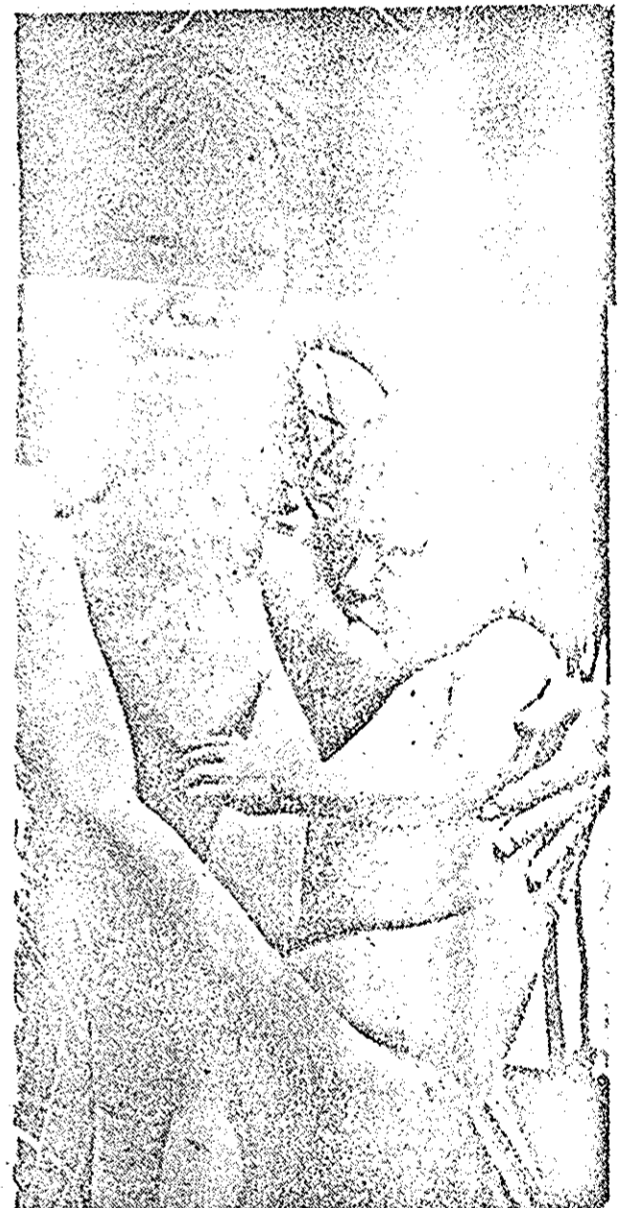
Quereri açó rucó puré-rá
Iita arri ai-mri (E o sol da Liberdade em raios sibilidos)

Reini arri tuaca iauti uré
é-nom (Brilhou no céu da Pátria neste instante.)

(Amanhã — O massacre dos Kanelas)



Cercado pelos índios Kanelas, no Aldeamento da Sardinha, o autor des sas reportagens quando era recebido como irmão, na cerimônia do batismo, dirigido pelo "sacerdote" da tribo.



Para esse pequenino índio Kanela, pelo menos no momento, a alimentação não constitui problema, mas, sua mãe e seus irmãos maiores já pensam e sentem as cousas de modo diverso.

Correio Braziliense

BRASÍLIA, 5.ª FEIRA, 26
DE NOVEMBRO DE 1964

CADERNO
2

O ENSINO DIA A DIA

YVONNE JEAN

O fim de ano está se aproximando e tantas festas, comemorações, encerramentos acontecem todos os dias, muitas vezes simultaneamente, que é impossível participar ou até mesmo noticiar tudo. Na quinta-feira, por exemplo, houve, ao mesmo tempo, o encerramento do Seminário sobre "Vidas Secas", o filme digno do grande livro de Graciliano Ramos, com a presença de seu realizador, Nelson Pereira dos Santos e a apresentação do tão falado, tão discutido, tão perseguido e ainda tão vivo e atual filme quanto há dez anos atrás — Rio, 40° — do mesmo diretor e a homenagem ao maestro Cláudio Santoro, por ocasião do seu aniversário com um recital da pianista Nise Obino. Duas belas realizações às quais teríamos gozado de assistir e participar, o que foi, entretanto, impossível por não possuímos o dom de ubi-
quidade.

ABRACO A SANTORO

Por isso, só nos resta dar um grande abraço atrasado mas caloroso a Cláudio Santoro que tanto tem feito, em prol desta cidade, não somente ao criar orquestras de câmara, orquestra de música antiga, cursos etc. etc., mas, principalmente, conseguindo atrair para a música os brasileiros, entusiasmados, interessados até mesmo apassionados. Não só para música mas, o que é mais difícil e importante, para a boa música. Também damos um grande abraço a excelente pianista Nise Obino e manifestamos a nossa pereneza de que possa repetir o recital que tantos nos puderam ouvir devido ao acúmulo de afazeres na noite de anteontem.

VIDAS SECAS NA ALIANÇA FRANCESA

Quanto a discussão sobre "Vidas Secas", o livro e o filme, tentaremos voltar ao assunto logo que uma folga u permitir, como também ao famoso e comovido "Rio, 40°".
A Aliança Francesa, que encerrou suas atividades didáticas deste ano entregando os diplomas aos seus alunos, apresentando um filme sobre Paris, inaugurando duas exposições — uma de cartazes, outra de trabalhos infantis dos alunos da Escola Franco-Brasileira de Renée Simas — e oferecendo um baile aos alunos, teve a excelente idéia de aproveitar a presença em Brasília do filme "Vidas Secas", após o encerramento do Seminário ao qual nos referimos acima, para passá-lo, todas as noites desta semana (até domingo ou segunda-feira próxima) no seu auditório, o que permitirá a todos ver um dos mais importantes filmes realizados pelo atual cinema brasileiro.

A PROFISSÃO DE ADMINISTRADOR

Por um desses casos de oficina e espaço, nossas notas sobre a profissão de Administrador, que ainda não foi incluída entre as profissões liberais reconhecidas oficialmente, o projeto de regulamentação desta profissão apresentado no Senado e as emendas ao Projeto n. 2.287/64, encaminhadas para a Comissão de Finanças da Câmara saiu com algum atraso, na terça-feira. Nesse dia, as emendas que foram redigidas pelo Diretorio Acadêmico da Carreira de Administração da UNB, assessorado por professores do Curso de Administração e incluindo sugestões feitas por outras universidades e Escola do país, e apresentadas pelo deputado Mário Covas, já tinham sido aprovadas por unanimidade. É com satisfação que divulgamos esta notícia. Agora o projeto deverá ir a plenário e é de supor que será aprovado, o que desejamos de coração pois as emendas são das mais lógicas e racionais, como o expozemos na terça-feira.

5 FILMES ARTÍSTICOS E EXPERIMENTAIS POLONESES

O Curso de Apreciação Cinematográfica da UNB, que nos proporcionou, este ano, tantas e tão belas viagens no espaço e no tempo, encerra se hoje, com a apresentação de cinco filmes artísticos e experimentais poloneses, de grande interesse, beleza e originalidade. Lembremo-nos que a Polónia e o país que tem conquistado maior número de prêmios nos grandes Festivais cinematográficos mundiais dos últimos anos. As curtas metragens de hoje são de grande interesse e vale a pena ir à Escola Parque, esta noite, às 20,30 para mergulhar no vasto e complexo mundo do cinema moderno experimental, antes da pausa forçada de verão.

SAMBA NOVO

O Segundo Festival de Samba Novo, promovido pela Federação dos Estudantes da UNB está marcado para as 20 horas de amanhã, no Auditório dos Dois Candangos. Quem viu, mesmo de fora, as silhuetas dos jovens músicos ensaiando, na alegria, seu concerto, já sentiu de antemão, vontade de participar, com voz mais e pes, de um Festival que há de ser a dose de otimismo e contentamento da qual precisamos todos, vez ou outra, em tempos como estes.

PROBLEMAS DIDÁTICOS MODERNOS

Uma verdadeira multidão assiste, todas as tardes, ao curso de conferências sobre Problemas da Educação Moderna, organizado pela Superintendência Geral de Educação e Cultura e a Fundação Educacional. Transforma o parqueamento da Aliança Francesa e a pacata W 4 num lugar tão movimentado quanto o cruzamento da avenida Rio Branco e Presidente Vargas do Rio em hora de pontal.